

Antiquitvs

(Continuado d-O Arch. Port., xxvi, 186)

XXVII

Uma ruína ao desamparo. (A ermida de S. Romão
nas cercanias de Sintra)

Quem pesquisar a «Carta de Lisboa e seus arredores» (1909, escala 1 : 50000) a 3:000 metros exactos ao NE. de Sintra, encontrará indicada uma ermida com a designação de «S. Romão», a 600 metros do Moinho da Cavaleira, na direcção de NO. Mas se depois se dirigir ao local apontado, já não se lhe deparará, como esperaria, um edificio religioso, senão uma ruína ao desamparo.

O vulto de uns muros pardacentos mal lho enxergarão os olhos, confundido o contôrno, que os desenha, na tinta requemada da charneca, onde se erguem. Essa construção lacerada perde assim, a distância, todo o character que o seu destino primitivo deveria revelar aos olhos do observador.

Visitei e fotografei a solitária ruína em Setembro de 1927¹. Tocado da feição artistica do monumentozinho, que se singulariza por circunstâncias já pouco vulgares na architectura religiosa dos campos, propus-me transmitir aos sintrenses cultos a desolada sensação que a mim mesmo tal ruína me provocou, logo em uma primeira visita.

*

É muito já dos nossos dias o descabro a que a ermidazinha de S. Romão chegou, e talvez em parte êle se explique pelo completo desprezo a que foi votada. Mas hoje, o que se ouve à gente dos arredores é lamentar a sua destruição e os desejos dêsse bom povo seriam que do refazimento desta capela se cuidasse.

Aquelas mulheres, para quem o embalar nos braços um filho constituía o próximo objectivo de um sonho, encontravam, ainda há poucos anos, na velha ermida, a ouvir-lhes o anseio indeciso, uma

¹ A sua existência foi-me denunciada pelo meu prezado consócio da Associação dos Arqueólogos, S.^{or} Luciano Ribeiro. A essa época se referem as presentes notas.

protectora consagrada, uma Senhora do Ó, veneração querida das mães portuguesas.

Mas até pelo antigo aspecto de Arte, o arruinado sacelo é merecedor de amparo e culto.

*

A situação topográfica da ermida de S. Romão deixo-a indicada, com a possível minúcia, para quem desconhecer os arredores de Sintra.

O roteiro aconselhável é pelo lugar do Lourel e depois pela estrada da Granja do Marquês até a confluência de um caminho, à direita; boa meia hora de marcha por junto. Próximos ficam-lhe os casais de Palhavã e S. Romão.

As ruínas constam das quatro paredes propriamente da ermida, a cuja face setentrional estão arrimados os restos da sacristia e da moradia do ermitão. Nenhuma cobertura existia já. Telhas e madeiramento do corpo da igreja, talvez depois do desmoronamento, foram saqueados. As imagens, depois de terem sido recolhidas na paroquial de S. Pedro, foram transferidas para a igreja da Misericórdia de Sintra, segundo me informaram recentemente.

O pequeno edificio tinha duas portas: a da entrada principal, de que se vê já arrancada a cantaria, e a lateral, do lado da epístola. Ambas eram de moderna feitura (séc. XVIII-XIX); aquela orientada a O., como nas mais antigas igrejas, herança, talvez, da sua primeira fundação, o que uniformemente se nota em S. Martinho, em Santa Maria, na cristianíssima ermida do Castelo e em outras.

No interior, uma banquetta ou assento corrido de pedra dá a volta às paredes até o arco cruzeiro, onde alarga um tanto. Quási defronte da porta lateral vê-se a concha do púlpito, uma laje horizontal de mármore, para onde se subia por dois degraus. Dois balaustres de ferro, que o guarneciam, deixaram os vestígios do seu violento arrancamento nas respectivas mechas estilhaçadas.

No pavimento, coberto de destroços, encontrava-se derrubado um pilar cilíndrico de pedra, com base oitavada, de feição recente; deve ter sido um dos apoios do pequeno côro, de cujas escadas se vêem na parede os sinais, ao lado da entrada principal. O frechal ou arquitrave desse côro embebia-se, do lado oposto, na própria alvenaria da construção.

À mão direita da porta lateral, destaca-se da parede o resto de uma pequena pia de água benta. As paredes eram ornadas de mo-

desta pintura lisa, com aguadas de côr vermelha e amarela, em singelos apainelados.

*

Subamos à capela-mór, que é a parte do pequeno sacelo que comunica todo o interesse à ruína. As suas dimensões internas exprimem-se aproximadamente por estes números: $2^m,50 \times 3^m,40$.

O arco cruzeiro, de volta redonda, compõe-se de aduelas simples, em que se reconhece, atestando a sua antiguidade, um trabalho de escôda diferente daquele que actualmente se pratica. Os someiros assentam sôbre impostas definidas apenas por um listel saliente.

O tecto acha-se derruído. Constituía-o uma abóbada de aresta feita de tejolo. Dessa interessante cobertura restavam, nos quatro ângulos, as respectivas mísulas das ogivas, estando intactos dois dêsses graciosos elementos de suporte, que medem de altura $0^m,28$. O outro par foi mutilado. O desenho junto reproduz o lindo tipo, que me acode pertencer aos alvôres de séc. XVI. Fig. 1.

Pôsto que os arcos laterais da abóbada e as nervuras diagonais fôsem de tejolo, estas oitavadas, os fechos eram de pedra, ornados de florões esculpidos. Nos arcos, três ainda estavam nos lugares próprios, embebidos parcialmente nas paredes; um quarto desabou, bem como o central da abóbada; os dois encontravam-se entre os destroços. Todos eram adornados com seu florão, de feitura um pouco mole para a época, em que as mísulas referidas parecem familiar-se.

Se um dia alguém se apiedar desta ruína, impulsionando a reconstrução da ermida, estes fechos ornamentais, como importante documento que são, devem ser aproveitados e dispostos nos mesmos lugares.

Pareceu-me ser muito recente o desmoronamento de parte das ogivas da abóbada. O entulho quási ocultava o altar-mor, de que mal se via a mesa, por ocasião da minha primeira visita (Setembro de 1927). Não descobri símbolo algum na pedra rectangular constitutiva do altar, que não se encostava à parede superior da capela-mór. Quando um mês apenas andado lá voltei, o tejolo esbarrondado tinha desaparecido; o altar estava danificado por marteladas a esmo.



Fig. 1

A «Mísula das ogivas da ermida»

Da banqueta interior da ermida haviam sido arrancadas algumas cápeas! Se é verdadeira a informação que eu colhi, o altar era azulejado; não encontrei, porém, azulejo algum!

Do lado da epístola, foi aberta na parede da capela-mór uma janela de irritante contôrno quadrado. Talvez por isso, o vandalismo não lhe tinha pôsto a mão.

Da banda do evangelho existe uma pequena porta de passagem para a sacristia. Nesta, a bacia de mármore do «lavabo» foi também



Fig. 2. — Ruina da ermida

atingida. Para que havia de ser exceptuada? Em duas das paredes desta dependência há igualmente banquetas de alvenaria. Tanto a sacristia como a habitação, a que acima me referi e que se prolongava até a fachada da ermida, estão completamente destelhadas e em parte derruídas e maltratadas. Esta habitação compunha-se de quatro pequenas quadras, divididas por paredes, com uma porta lateral e outra na frente da ermida. Dêntro de uma destas divisões, há restos de um poial ou lareira.

Estribando exteriormente os dois ângulos extremos da oussia, vêem-se ainda outros tantos robustos «gigantes» de alvenaria, com solidez suficiente para um possível restabelecimento da abóbada desta parte da ermida. São típicos destas construções. Fig. 2.

*

A quatro metros, *plus minus*, da fachada erguia outrora os braços acolhedores um desataviado cruzeiro de pedra. Desde 1768, tal a data aberta a cinzel no seu plinto de singelo moldurado, re-

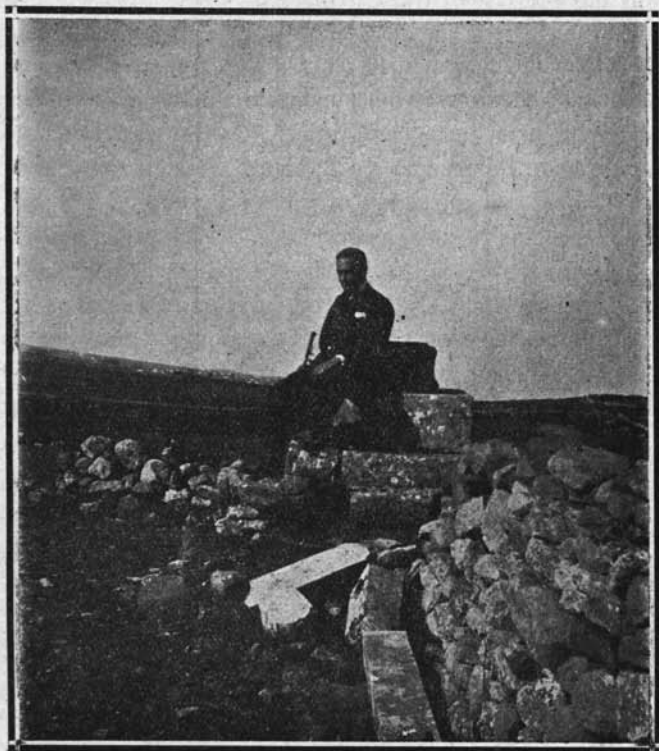


Fig. 3.—Cruzeiro derrubado

sistia às lufadas de já mais de um século de invernos. Mas, no ano de 1910, tinha contados os seus dias de silenciosa esculca de Fé! Qualquer noctívago iconoclasta, mal acordado de algum paroxismo de intolerância, abalou-o pela base, arremessando-o sinistramente contra os próprios degraus que lhe serviam de pedestal e despedaçando-o. Fig. 3.

Muda ruína, que tam eloqüentemente nos conta o rancoroso feito que lhe deu causa!

E assim tem permanecido até hoje este lamentável documento da nossa barbaria incorrigível...

*

Confrange-se o espírito diante do escuro descalabro desta ermida.

Há ruínas que choram e esta é uma dessas. Não sobreveio da decrepitude da construção, como outras, que quasi nos sorriem de baixo das heras antigas que as amparam. São venerandas tais ruínas e nada falta para ser sacrilégio o tocar-lhes, na intenção que seja de as remoçar.

Mas as ruínas de maldade, as ruínas dos nossos dias, feitas de pedras que foram sacudidas e derribadas por mãos, que ainda estão por assim dizer quentes, essas comovem-nos de dor e revoltam-nos, se temos são o coração. Pertencem a esta classe as ruínas de S. Romão!

Que todos aqueles a quem me dirijo, enxuguem os prantos, que parecem deslizar pelas paredes esboroadas dêsse tradicional sacelo, e terão dado um profundo consólo à Crença e à Arte, reedificando-o. Verão a paisagem monótona, que o rodeia, iluminar-se com a brancura fresca de umas paredes ressurgidas e singelamente dealbadas, como devem ser as desta ermida de ar tam meridional, e surtirem dos lugares próximos centenas de mãos, erguendo-se ao ar em gestos de aplauso.

F. ALVES PEREIRA.

Bibliografia

Sertorius, por Adolfo Schulten, Leipzig 1926.

Volta novamente à discussão o célebre caudillo, italiano de nascimento, que, meio século após a morte de Viriato, de novo conduziu os lusitanos à vitória sobre os exércitos de Roma. Estudando sua vida, através de exaustiva investigação, publicou-se, na Alemanha, uma obra de notável mérito científico. Seu autor, Adolf Schulten, de há muito se ocupa, em clássicos trabalhos de erudição, acerca dos primeiros tempos históricos da Península Ibérica. Em rápida síntese, vamos procurar resumir sua narrativa, na parte mais interessante para o conhecimento da história militar dos Lusitanos.

*

Saltando sobre dois mil anos, imaginemo-nos no primeiro quartel do século I antes da era cristã. Violentas convulsões sociais abalam os alicerces da República Romana, já, neste momento, senhora de quasi